

SOB O SIGNO DA GULA: UM ESTUDO DE O CLUBE DOS ANJOS

Christina Ramalho¹
Guilherme Andrade Gois²

RESUMO

O presente artigo investiga a presença do pecado capital da gula na obra *O clube dos anjos*, romance do brasileiro Luis Fernando Verissimo, de modo a traçar uma análise do perfil desse pecado na narrativa elaborada pelo autor. A leitura crítica é antecedida por considerações sobre o pecado da gula e algumas de suas representações na arte e na literatura, com o objetivo de verificar uma possível mudança de mentalidade social ao longo do tempo, sempre à luz dos referenciais teóricos citados no decorrer do texto, sublinhando, no corpus eleito para estudo, as reverberações do cômico e da intertextualidade para a construção de um signo renovado por um contexto eivado de individualismo. Ao mesmo tempo, busca-se homenagear um importante nome da Literatura Brasileira que se despediu de seu público neste 2025.

Palavras-chave: *O clube dos anjos*; Luis Fernando Verissimo; pecados capitais; gula.

UNDER THE SIGN OF THE ANGELS: A STUDY OF THE CLUB OF ANGELS

ABSTRACT

This article investigates the presence of the cardinal sin of gluttony in The club of angels, a novel by Brazilian author Luis Fernando Verissimo, to analyze the profile of this sin in the author's narrative. The critical reading is preceded

1- Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com Pós-Doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012), em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017) e em Historiografia Épica (Universidad de Buenos Aires, 2022), é professora-associada do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) Universidade Federal de Sergipe. Em 2013 idealizou e criou, com 27 membros-fundadores, o Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, o CIMEEP (www.cimeep.com). É autora e organizadora de 49 livros/e-books de teoria, crítica e historiografia literária, além de poesia, contos e crônicas.

2- Mestrando do Programa de Pós-Graduação profissional em Letras, do campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES. Professor da rede municipal do município de Nossa Senhora das Dores, Escola Municipal Professor Isaac Menezes. Membro temporário do GT 5 (Historiografia Épica), do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos.

by considerations on the sin of gluttony and some of its representations in art and literature. The aim is to explore a possible shift in social mentality over time, always in light of the theoretical frameworks cited throughout the text. In the corpus selected for study, it emphasizes the reverberations of comedy and intertextuality in the construction of a sign renewed by a context fraught with individualism. At the same time, it seeks to pay tribute to an important figure in Brazilian literature who bid farewell to his audience in 2025.

Keywords: *The club of angels*; Luis Fernando Verissimo; deadly sins; gluttony.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscamos realçar o romance brasileiro *O clube dos anjos* (1998), de Luis Fernando Verissimo, estabelecendo um diálogo entre o enredo da obra e o signo da “gula”, de modo a verificar como Verissimo deu tratamento a um aspecto da experiência humana diretamente ligado à visão dos pecados como os grandes obstáculos que impedem que a Humanidade alcance a perfeição divina.

A obra *O clube dos anjos* foi publicada por Luis Fernando Verissimo (1936-2025) em 1998. Verissimo destacou-se pela extensa produção de contos e de crônicas e pela grande contribuição para a Literatura Brasileira, na esteira de seu próprio pai, Érico Verissimo. Além desses gêneros, entretanto, o escritor produziu seis romances: *O jardim do diabo* (1988), *O clube dos anjos* (1998), *Borges e os orangotangos eternos* (2000), *O opositor* (2004), *A décima-segunda noite* (2006) e *Os espiões* (2009).

Segundo a professora Lígia Miltz da Costa, em seu artigo “O Clube do Picadinho feito picadinho. A paródia na ficção de L. F. Verissimo” (2004), algumas características básicas de Verissimo podem ser extraídas a partir dos seus três primeiros romances:

[...] classificação das obras como policiais-paródicas e, ao mesmo tempo, introspectivas; presença da temática da morte associada à ideia da fatalidade irreversível à que está condenada a vida humana; presença insólita de enigmas e labirintos; sátira da própria arte de narrar; convívio de diferentes códigos de significação da linguagem;

apropriação intertextual crítica da tradição cultural existente; presença de protagonista das histórias com a função de narrador-personagem e com papel também de escritor, que pode, por isso, dobrar metanarrativamente a representação e propor a confusão dos âmbitos da ficção e da “realidade.” (Costa, 2004, p. 224)

Na obra *O clube dos anjos*, podem ser identificadas várias das características mencionadas por Costa. A obra possui elementos de paródia, especialmente na forma como trata temas sérios com humor e ironia, classificando-se como uma narrativa policial-paródica e introspectiva do interior dos personagens. A temática da morte é central no livro, com os membros do clube gastronômico morrendo um a um em circunstâncias misteriosas, ressaltando a inexorabilidade do destino. Além disso, a presença insólita de enigmas e labirintos é evidente no enigma das mortes e na natureza quase ritualística dos eventos, criando uma sensação de mistério e intriga que permeia a narrativa.

Uma apropriação intertextual crítica é evidente nas referências que Veríssimo faz a várias tradições culturais e literárias, utilizando a intertextualidade para criticar e comentar sobre essas tradições, como as várias referências à Bíblia no decorrer da trama. Finalmente, o narrador é um dos membros do clube, desempenhando um papel crucial na contação dos eventos e na introspecção sobre as ações e motivações dos personagens, o que cumpre a função de protagonista das histórias e de narrador-personagem.

Sobre a gula, é interessante adiantar que esse pecado foi deveras abordado e reprovado ao longo da historiografia católica, partindo do pressuposto de que era uma tentação do demônio. O teocentrismo operante à época da Idade Média, por exemplo, buscava explicar os vícios humanos como uma influência de Satanás e como um afastamento de Deus.

A gula pode ser definida, segundo Savater (2006), como um pecado cujo sujeito ofende o direito e as expectativas do outro ao comer aquilo que

é dos demais, ao tomar tudo para si e deixar outros com nada. Depreende-se desse conceito a ideia de frustração do coletivo, do que é comum a todos, para satisfação excessiva de desejos pessoais.

Na obra *Confissões*, Santo Agostinho reflete sobre o pecado da gula e afirma:

[Deus] Ensinaste-me a considerar os alimentos como remédio. No entanto, quando passo da ânsia da fome ao repouso da saciedade, é nesta mesma passagem que me aguarda a cilada da concupiscência. [...] É pela saúde que como e bebo, mas acrescenta-se a isso o perigo do prazer, que na maioria das vezes procura tomar a dianteira, e, assim, o que digo querer fazer pela saúde, acabo fazendo pelo prazer. [...] Muitas vezes, é pouco claro se é indispensável o cuidado corporal que pede o reforço do alimento, ou a enganadora satisfação da gula que deseja ser servida. [...] (Agostinho, 1984, p. 281-282)

Santo Agostinho, como se vê, destaca a tensão entre a necessidade física e os desejos da carne. Ele reconhece que Deus o ensinou a ver os alimentos como um meio para manter a saúde, um “remédio” necessário para o corpo. No entanto, ao passar da fome à saciedade, ele se depara com o perigo da concupiscência, que é o desejo excessivo e o prazer que podem surgir durante esse processo. Ele expressa a dificuldade de distinguir entre a necessidade genuína do corpo por alimento e o desejo enganador da gula, ilustrando a luta interna entre a disciplina espiritual e os desejos carnis.

A própria *Bíblia*, o livro sagrado dos cristãos, possui exemplos clássicos do pecado da gula, ilustrando como esse vício pode ser devastador. Um desses episódios ocorreu no livro de Gênesis. No Jardim do Éden, Eva é tentada pela serpente a comer da árvore do conhecimento. Ela e Adão desobedecem a Deus, comem o fruto, percebem sua nudez e são expulsos do jardim, perdendo a inocência. Este episódio se relaciona com a gula no sentido de ceder ao desejo excessivo por algo proibido. A gula não se refere apenas à comida, mas a qualquer desejo desmedido que leva à desobediência e ao

afastamento dos preceitos divinos. Assim como na gula, em que o desejo de satisfação imediata superava a razão e a moderação, Eva e Adão escolheram a gratificação instantânea do fruto proibido, resultando em consequências negativas duradouras.

Outro episódio também aconteceu em Gênesis. Após o dilúvio, Noé plantou uma vinha e, ao se embriagar com o vinho, ficou nu em sua tenda. Seu filho Cam viu sua nudez e contou aos seus irmãos, Sem e Jafé, que cobriram seu pai respeitosamente, sem olhar para ele. Ao saber disso, Noé amaldiçoou Canaã, filho de Cam, destinando-o a ser servo dos seus irmãos. Essa passagem se relaciona com a gula através da embriaguez. Noé consumiu vinho em excesso, um comportamento que pode ser visto como um tipo de gula. Esse excesso levou à perda de controle e à exposição de sua nudez, resultando em vergonha e conflito familiar.

Em *A divina comédia* (1321) – obra em que os sete pecados capitais têm destaque universalmente conhecido – Dante Alighieri (1265-1321) elencou uma extensa série de personagens que foram condenados devido às suas próprias atitudes morais. Entre elas, a incontinência dos gulosos. O Canto VI da obra narra especialmente o sofrimento dos condenados pela gula, em que os glutões deixaram-se seduzir pelos prazeres carnis e comeram e beberam em demasia enquanto viveram na Terra.

Esse canto narra e descreve os feitos no terceiro círculo do Inferno, onde estão os gulosos e incontinentes. Entre os condenados, está o florentino Ciaccio, que aproveitou os prazeres da comida e da bebida ao extremo e sofreu as consequências de seus excessos. A palavra “*ciaccio*” em italiano significa “porco”, animal que simbolicamente representou os gulosos na obra.

Na obra *O livro dos símbolos* (2003), a figura do *porco*, no contexto medieval judeu, cristão e muçulmano, é descrita da seguinte maneira:

O porco tornou-se o símbolo do pecado mortal da concupiscência. A abnegação, a separação do corpo do espírito e a glorificação da castidade opuseram-se à aparente sensualidade do porco, que por essa altura tinha já perdido todos os seus aspectos

positivos e criativos. (Martin, 2003, p. 324)

A descrição revela como o porco se tornou um símbolo negativo nas tradições religiosas judaica, cristã e muçulmana, associado ao pecado da concupiscência e dos prazeres sensuais. A abnegação e a glorificação da castidade contrapunham-se a esse animal, que passou a representar o excesso e a falta de controle.

Em *A divina comédia*, essa associação é reforçada ao representar os gulosos como porcos, simbolizando a degradação moral daqueles que cedem aos prazeres sensoriais em detrimento da virtude espiritual. Dante relacionou os gulosos a porcos porque, como destacado na citação, o porco havia se tornado um símbolo do pecado mortal da concupiscência nas tradições. A sensualidade aparente do porco, que perdeu seus aspectos positivos e criativos, fez dele um ícone de excesso e falta de controle. Ao associar os gulosos a porcos, a epopeia de Dante reforça a visão medieval de que a indulgência nos prazeres sensoriais, como a gula, corrompe a alma e representa um desvio moral.

Da Idade Média a nossos dias, a gula sempre teve e tem espaço para representações artísticas e literárias das mais diversas. Como veremos mais adiante, Luis Fernando Verissimo, em *O clube dos anjos*, explorou o pecado da gula com um caráter mais moderno e até satírico. Nesse sentido, a obra aborda o pecado com um viés mais cômico, tendo em vista que os personagens não possuem medo de morrer, desde que saciem, pela última vez, seus desejos incontroláveis por comida. O intuito deste estudo não é extenuar o assunto, mas *lançar sementes* sobre o tema para que projetos vindouros baseiem-se neste, aprofundando e tecendo outras relações com o pecado supracitado.

Iniciamos com algumas reflexões sobre o signo da gula, para, em seguida, estudar sua presença na obra em foco. Esperamos, com esta abordagem, reconhecer o modo como a gula está representada no romance e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem ao escritor Luis Fernando Verissimo que, neste 2025, despediu-se de nós.

1. A GULA

Segundo o dicionário *Oxford Languages*³, a palavra “pecado” possui, como acepções: 1. Violação do preceito religioso; 2. Ação má, crueldade, perversidade; 3. O que merece ser lastimado. A partir desses significados, é possível deduzir a malevolência advinda do ato de pecar, podendo corroer o ser humano e impedindo-o de ser uma pessoa melhor. Ainda segundo o mesmo dicionário, a palavra “capital” tem por sentidos: 1. Principal, fundamental; 2. Que traz a morte, fatal, mortal. Para este estudo, o segundo sentido é o mais relevante, tendo em vista a ideia da morte aliada à palavra “capital”. Nesse sentido, é deduzível que os pecados capitais são aqueles ligados à perversidade e, portanto, devem ser evitados e eliminados, para que o homem alcance a sua virtude e a sua plenitude moral.

Os pecados capitais são conhecidos na história desde pelo menos a Idade Média, quando a Igreja Católica se apossou mais fortemente do imaginário popular e os instituiu. Segundo o teólogo italiano São Tomás de Aquino (Aquino, 2001, p. 66), é possível enumerar os pecados capitais em sete: a acídia (ou preguiça), a avareza, a gula, a vaidade (ou soberba), a ira, a luxúria e a inveja. Segundo o teólogo, são esses pecados que originam outros vícios e, por isso, são tão mortais / capitais.

A Igreja tentou, ao máximo, combater esses vícios humanos e, ao mesmo tempo, reafirmar seu poder de influência perante a sociedade. Os “pecadores” deveriam reconhecer seus pecados, arrependem-se e seguir os ensinamentos da Santa Igreja, com vistas a obter a salvação eterna. A intenção da Igreja era justamente a de moldar comportamentos e, por consequência, angariar mais fiéis para seu projeto. De acordo com Althusser (2001), é possível falar, resguardadas as devidas proporções, em aparelhamento ideológico do Estado, representado pela Igreja, que possuía um discurso persuasivo e, pode-se dizer, autoritário, para convencer os sujeitos a seguirem os ensinamentos ora propostos e ganharem “o reino dos céus”. A Igreja utilizou-se do seu discurso e da sua boa oratória para ditar o que era o bem e o que era o mal,

3- Disponível em <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 10/10/2025.

instituindo uma clara distinção que tomou as sociedades medievais e se alastrou até as sociedades contemporâneas, tendo em vista que o Cristianismo e mais especificamente o Catolicismo são ainda religiões com grande número de fiéis.

Nesse contexto, é importante afirmar que a Igreja Católica influenciou toda uma cultura. Por cultura, utiliza-se as palavras de Schein (1990, p. 115), que afirma que ela “[...] baseia-se nas crenças, valores e pressupostos básicos dos fundadores, que, com o passar do tempo, são então aperfeiçoados e disseminados na organização por meio de diversos mecanismos”.

Ademais, outra boa definição de cultura é dada por Readings (1996):

O processo de revisão hermenêutica pode ser chamado de cultura e tem uma dupla articulação. Por um lado, cultura dá nome a uma identidade. É a unidade de todos os conhecimentos que são o objeto de estudo; o objeto de *Wissenschaft* (estudo científico-filosófico). Por outro lado, cultura dá nome a um processo de desenvolvimento, de cultivação do caráter - *Bildung*. (Readings, 1996, p. 64-65, trad. nossa).

A partir desses conceitos, infere-se que a cultura é um processo identitário de construção social-coletiva repleta de valores simbólicos. Os símbolos são eixos estruturantes da cultura, tendo em vista que o imaginário e a própria linguagem são construídos a partir deles.

Newman (1925) celebra o poder da linguagem como uma das maiores dádivas da humanidade ao afirmar que:

Se o poder do discurso é um dom tão grande quanto qualquer outro que pode ser nomeado —, se a origem da linguagem é considerada por muitos filósofos em nada faltante de divino — se por meio de palavras os segredos do coração são trazidos à luz, a dor da alma é aliviada, o pesar escondido é liberado, a simpatia, comunicada, o conselho, oferecido, a experiência, recordada e a sabedoria, perpetuada —, se por grandes autores muitos são

trazidos à unidade, o caráter nacional é fixado, um povo fala, o passado e o futuro, o leste e o oeste são colocados em comunicação um com o outro — [...]. (Newman, 1925, pág. 293, trad. nossa).

Os pecados capitais, nesse âmbito, podem ser considerados símbolos do poder da linguagem que foram usados pelo catolicismo para dominar as pessoas e inculcar valores.

A cultura medieval foi, assim, amplamente influenciada pelo catolicismo e pelos seus dogmas, como os dos pecados capitais, e, com o passar do tempo, esses valores foram disseminados para outros povos além da Europa e aperfeiçoaram-se segundo os padrões de cada contexto. Essa análise é de extrema importância porque ela representa o mote deste estudo, que abordar o pecado da gula em *O clube dos anjos*, de Luis Fernando Verissimo.

O conceito de coletividade é um fator primordial para se entender esse pecado e pode ser pensado desde a Idade Média. A cidade de Constantinopla foi tomada pelos otomanos em 1453 e, a partir daí, os romanos fugiram das cidades e iniciaram um processo de êxodo rural, buscando abrigos nos Feudos. O Feudalismo, regime de servidão característico da Idade Média, marcou os espaços através de comunhões coletivas, ou seja, as pessoas viviam dentro dos feudos para se protegerem e compartilhavam tudo com os senhores feudais. É por isso que a Idade Média é notadamente marcada pelos anseios coletivos em detrimento da individualidade. É também por isso que desejos individualistas, como é o caso da gula, foram extremamente combatidos em prol do ente coletivo que se delineava naquele momento.

O senso comum associa a gula ao excesso de comida, ao comer tudo, em demasia. Esse pensamento não é equivocado, mas é possível estender seu escopo conceitual para quaisquer atitudes em excesso que comprometam o direito do outro. Simbolicamente, esse pecado pode acontecer, por exemplo, nas buscas insaciáveis por dinheiro e/ou por poder, muitas vezes acumulando mais do que o necessário e prejudicando outras pessoas. Tomando ainda por base o conceito de Savater (2006), citado na introdução, é possível verificar a

gula neste exemplo porque esses sujeitos ofendem os outros ao tomarem tudo para si e ao deixar os outros com nada. Esta abordagem, assim, toma por base os conceitos mais amplos da gula ligados aos excessos, às intensidades e aos defeitos que comprometem o direito do outro, além dos desejos por comida em demasia.

É importante, além disso, citar as consequências degradantes para as pessoas com a prática da gula. Inicialmente, é importante reiterar que a gula foi combatida por frustrar o ideal de coletividade apregoado na Idade Média, pois, como já mencionado, a coletividade era o eixo central daquele tempo. Além disso, o excesso de comida acarreta diversos problemas de saúde, como diabetes, doenças cardiovasculares, articulares e musculares, e, ademais, impactos psicológicos, pois pessoas obesas são subjugadas pela sociedade que busca a padronização do corpo perfeito. Os outros excessos que também configuram gula são deveras prejudiciais, pois rompem com a coesão social e prejudicam o andamento de uma sociedade equilibrada. O equilíbrio é, então, a virtude que pode combater a gula e os seus desejos exagerados.

Os saberes populares e a própria arte muito exploraram a gula, algumas vezes junto a outros pecados, ao longo da história. Alguns desses exemplos serão elencados e resumidos aqui, a título de curiosidade.

Existe, por exemplo, uma história popular contada no livro *Como transformar defeitos em virtudes* (1998), do Auro Key Honda, que se refere diretamente à gula. Ela conta que a história de um missionário que caminhava pela floresta quando avistou um pequeno canibal, triste e cabisbaixo. Nessa circunstância, o missionário perguntou por que ele estava tão triste. O pequeno canibal respondeu que não tinha pai, mãe, nem irmãos, enfim, que não havia mais ninguém em sua vida e se sentia muito solitário. Sensibilizado, o missionário o levou para casa. No dia seguinte, quando a fome bateu, o canibal o devorou, continuando a lamentar-se por não ter família e agora nem ao menos amigos. Essa pequena narrativa relaciona-se diretamente à gula, não apenas por conta do ato de comer em excesso, mas também porque o canibal desejou tomar tudo para si em detrimento dos interesses da sua família e de

seus amigos. Seu propósito era matar a satisfação imediata, independente de consequência negativas que poderiam acontecer.

No âmbito da Literatura Brasileira, lembramos o conto fantástico “Bárbara” (1998), de Murilo Rubião, que narra a obsessão de Bárbara por pedir coisas e a submissão de seu marido, o narrador, que, mesmo contrariado, se esforça para atender seus desejos insaciáveis. Com o tempo, Bárbara mantém sua mania de pedir, enquanto engorda descontroladamente. Suas exigências se tornam cada vez mais extravagantes: primeiro, pediu o oceano e recebeu uma garrafa de água do mar; depois, um baobá, que o marido teve que arrancar e replantar. Ela chega ao cúmulo de pedir um navio, que é desmontado e remontado em sua cidade.

Bárbara engorda a ponto de mal se movimentar, e o marido, resignado, continua atendendo suas vontades. No final, ela pede uma estrela minúscula no céu, indicando a continuidade de sua obsessão por possuir o inalcançável.

O conto, assim, aborda o pecado da gula de forma metafórica, indo além do apetite por comida e explorando o desejo insaciável de satisfação material e emocional. Bárbara, com seus pedidos cada vez mais extravagantes, representa o desejo sem limites, que nunca é completamente satisfeito. Sua obesidade simboliza o excesso e a degradação, enquanto sua insensibilidade ao sofrimento dos outros reflete o egoísmo da Gula. Apesar de obter tudo o que deseja, ela nunca encontra verdadeira satisfação, evidenciando o vazio existencial ligado ao pecado. O conto também faz uma crítica ao consumismo, mostrando como o desejo desenfreado e o acúmulo de bens levam à alienação e à destruição.

O cinema também explorou os pecados, conseguindo abordar os defeitos humanos de maneira criativa e surpreendente.

Seven – Os sete crimes capitais (1995), do diretor David Fincher, por exemplo, é um thriller psicológico que acompanha a dupla de detetives, David Mills (Brad Pitt), um jovem impulsivo recentemente transferido para a divisão de homicídios, e William Somerset (Morgan Freeman), um veterano culto e sereno que está a uma semana de se aposentar. Eles são designados para um

caso perturbador: um assassino em série meticuloso que executa suas vítimas de acordo com os sete pecados capitais. Para cada crime é uma cena elaborada que reflete o pecado correspondente: gula, cobiça, preguiça, luxúria, vaidade, inveja e ira. O assassino utiliza esses pecados como uma crítica à sociedade moderna, e cada assassinato é mais grotesco que o anterior.

A cena do crime em que a gula é representada mostra a vítima, um homem obeso, que foi forçado pelo assassino a comer até que seu estômago não suportasse mais e rompesse, levando-o à morte por hemorragia interna. O assassino alimentou a vítima com uma refeição mortal, composta por alimentos extremamente ricos e não saudáveis, em quantidades exorbitantes. A cena é meticulosamente preparada pelo assassino, que deixa pistas e mensagens para os detetives. Ao lado do corpo, eles encontram um balde cheio de vômito, indicando o sofrimento extremo pelo qual a vítima passou antes de morrer. O assassino também deixou a palavra “gula” escrita na parede, reforçando o pecado pelo qual ele julgou e puniu a vítima. Esse assassinato também serve como uma crítica contundente à sociedade de consumo e ao comportamento compulsivo de comer em excesso.

Outro filme que pode ser citado e relacionado com a gula é *O Poço*, filme espanhol de suspense dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia. A trama se passa em uma prisão vertical na qual os prisioneiros são alimentados através de uma plataforma que desce de nível em nível, carregando comida suficiente apenas para os primeiros andares, deixando os níveis inferiores com escassez. Os prisioneiros são periodicamente transferidos para diferentes andares, experimentando tanto a abundância quanto a fome extrema. A relação com a gula é evidente na forma como a comida é consumida, pois, nos níveis superiores, os prisioneiros se entregam à gula, comendo vorazmente e sem consideração pelos que estão abaixo. Essa dinâmica destaca a desigualdade e a ganância humana, em que a gula leva ao desperdício e à privação dos outros.

A pintura também explorou com maestria os sete pecados capitais. A obra *Os sete pecados capitais e as quatro últimas coisas*, de Hieronymus Bosch, pintada por volta de 1485, retrata bem o tema. Essa obra é uma pintura

a óleo sobre madeira cuja composição consiste em um conjunto de painéis circulares, cada um representando um dos sete pecados capitais: gula, avareza, preguiça, luxúria, ira, inveja e orgulho. No centro, há um olho com a inscrição “*Cave cave Deus videt*”, que significa “Cuidado, cuidado, Deus está vendo”. Em torno deste olho central, os sete pecados são ilustrados em detalhes vívidos e simbólicos.

Cada painel retrata cenas da vida cotidiana na época de Bosch, mas com elementos grotescos e fantásticos que ilustram as consequências morais e espirituais dos pecados. Além dos sete pecados, a obra inclui quatro pequenos painéis nos cantos, representando as “Quatro últimas coisas”: Morte, Juízo Final, Inferno e Glória. Estes painéis servem como lembretes das consequências eternas dos pecados humanos. A obra, cuja imagem reproduzimos a seguir, é famosa por sua complexidade simbólica e pela habilidade de Bosch em transmitir mensagens morais através de imagens impactantes e detalhadas.



Fig. 1

Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/hieronymus-bosch/os-sete-pecados-capitais-e-as-quatro-ultimas-coisas-1485>

A gula é representada em um dos painéis circulares. Este painel retrata uma cena de excesso e indulgência, em que as pessoas estão se entregando a comer e beber de forma desmedida. A cena é repleta de detalhes que ilustram a natureza pecaminosa da gula, como pessoas comendo mais do que o necessário, desperdiçando comida e bebida, e exibindo comportamentos gananciosos e descontrolados. Bosch utiliza imagens grotescas e exageradas para enfatizar o aspecto pecaminoso da gula, como figuras com barrigas inchadas e expressões de desconforto ou dor, sugerindo as consequências físicas e morais do excesso. A representação é uma crítica ao consumo exagerado e à falta de autocontrole, elementos que Bosch via como prejudiciais à alma humana. Eis a cena:



Figura 2

Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/hieronymus-bosch/os-sete-pecados-capitais-e-as-quatro-ultimas-coisas-1485>

Poderíamos enveredar pela recordação de muitas outras manifestações populares, literárias e artísticas que celebram, representam e destacam o pecado da gula, fazendo, para isso, uso dos mais diferentes recursos de modo a oferecer igualmente distintos impactos na recepção. E aqui, voltamos a trazer

A divina comédia e seu terceiro círculo infernal, em que os gulosos eram submetidos a uma chuva incessante, pesada, fria e fétida que apodrecia a terra e transformava-a em lama, conduzindo os pecadores a rolares nela como se fossem porcos. Os glútons deveriam acostumar-se com a insignificância e com a repugnância porque não souberam aproveitar com equilíbrio as benesses da vida.

O clube dos anjos atua como uma atualização contemporânea do conceito de gula. Enquanto Dante, em *A divina comédia*, apresenta a gula como um pecado capital que leva à condenação eterna, Verissimo revisita esse conceito em um contexto moderno e secular, oferecendo uma perspectiva diferente sobre o tema. Verissimo, como veremos a seguir, transforma a gula de um pecado mortal e moralmente condenável em um ato de hedonismo consciente. Ao retratar personagens que deliberadamente se entregam ao prazer gastronômico, mesmo à custa de suas próprias vidas, ele desafia a visão tradicional de pecado e moralidade. Essa abordagem provoca uma reavaliação das concepções de excesso, prazer e punição, atualizando a relevância do tema para o público contemporâneo. Passemos à análise.

2. O CLUBE DOS ANJOS SOB O SIGNO DA GULA

O enredo de *O clube dos anjos* mostra, de modo bem-humorado, a história de dez personagens que habitualmente se reúnem no bar do Alberi para comer picadinho de carne com farofa de ovo e banana frita. No entanto, o apetite voraz dos participantes, o desejo de possuir sempre mais e suas fortunas herdadas culminaram em jantares mensais na casa de cada um deles. A ânsia pela comida e, mais do que isso, pelo *status*, influi justamente sobre o pecado da gula, que perpassa toda a narrativa. O desejo de ter sempre mais move a história, fazendo com que grande parte dos personagens entregue a própria vida em troca do melhor jantar da sua vida. A obra, de certa maneira, adere à visão cristã de punição, tendo em vista que os gulosos são punidos com a pena de morte.

A trama conta também com um cozinheiro misterioso que seria o

suposto assassino das vítimas, matando-as através de um veneno colocado na comida. A morte delas é, assim, decorrente do próprio ato de comer. No total, a história conta com nove assassinados, um supostamente assassinado, o assassino e um escritor-narrador da história. O romance é, nesse viés, marcado por certa ironia desde o início, uma vez que o título nomeia como “Anjos” os glutões da trama, que depois são assassinados. O título também revela um grande paradoxo, tendo em vista que a história é formada por assassinos, pela gula, pelo profano etc.

A maior parte da trama, como já afirmado, acontece com os jantares habituais a cada mês. O outrora picadinho de carne com farofa de ovo e banana frita é substituído por comidas estrangeiras, como as da valiosíssima culinária francesa, e pratos como *boeuf bourguignon*, *quiche Lorraine*, *gigot d’agneau*, por exemplo, começam a ser experimentados. Cada jantar ocorre a cada mês na casa de um dos participantes, que, após comerem a sobra da sua comida preferida, morrem.

Em dado ponto da narrativa, os participantes começam a desconfiar que a comida estaria envenenada e, mesmo assim, preferem morrer a ter que desperdiçar a chance de comer bem. Esse é o extremo da gula vivenciado pelos personagens no romance. Nesse contexto paradoxal da existência humana, o pavor da morte vai equilibrar-se em intensidade com o prazer da gula, coexistindo e interagindo com ele simultaneamente (Costa, 2004).

O fragmento a seguir ilustra o momento em que Lucídio fez o prato preferido de Paulo e este chegou ao jantar com uma bandeira vermelha, denotando sua consciência perante a morte iminente e, ao que parece, inexorável:

Paulo foi o último a chegar no jantar em que seria envenenado. Lucídio tinha confirmado: o prato da noite seria *blanquette de veau*. O prato favorito do Paulo. O condenado chegou com um grande pano vermelho sobre as costas, como uma capa. Procurara alguma coisa do seu passado de ativista político para trazer para seu sacrifício e não encontrara nada, fora

alguns livros mofados. (Verissimo, 1998, p. 89)

Além disso, o grupo, de certa forma, conseguiu quebrar um paradigma universal da morte ao saber como e quando iriam morrer, como se afirma no fragmento:

saber a hora e a forma da nossa morte era como ser presenteado com um enredo, com uma trama, com todas as vantagens da literatura policial sobre a vida. Saber nosso destino era como ter olhado o fim do livro. Passávamos a fazer outra leitura da nossa vida, agora como cúmplices do autor e do assassino. (Verissimo, 1998, p. 73)

Os jantares aconteciam à noite e não poderiam contar com a presença de mulheres. Como já mencionado na seção anterior, a *Bíblia* condenava a mulher pelo fato de Eva ter oferecido o fruto da árvore proibida à Adão. *O livro dos símbolos* (2003) concebe as mulheres da seguinte maneira:

Através de Eva, tanto a maçã como a própria mulher foram estigmatizadas pelos cristãos medievais como tentadoramente belas mas ocultamente enganosas, o que era compensado com a crença cristã de que o paraíso foi restaurado por Maria e pela sua oferta lendária da árvore sobre a qual Cristo foi exposto como uma imagem da maçã. (Martin, 2003, p. 168)

A partir do referencial bíblico e da citação acima, é possível inferir que foram as mulheres que geraram a ruína humana e, nesse sentido, deveriam ser excluídas dos jantares do Clube do picadinho. Esse aspecto fica ainda mais evidente num trecho da obra, quando o narrador afirma que:

As mulheres eram as responsáveis pelo nosso declínio. As mulheres tinham nos arrancado do paraíso, sem elas nossos rituais readquiriam sua pureza adolescente, éramos de novo os porcos contentes do bar do Albieri. (...) A história humana

começara quando a fêmea homínida substituíra o cio dos bichos pela disponibilidade permanente, inaugurando ao mesmo tempo o ciclo menstrual, o tempo lunar e esta longa fuga da vulva desimpedida que era a civilização. (Verissimo, 1998, p. 53-54.)

A imagem dos “porcos”, já explorada na Introdução, remete à gula, associando o comportamento dos homens a um excesso de indulgência e de prazer sem restrições. Este “paraíso” de gula e de camaradagem masculina é visto como corrompido pela presença feminina, que introduz complexidades e responsabilidades na vida dos homens. Com a chegada de Lucídio, elas foram banidas dos encontros do clube.

O clube dos anjos é também uma obra com múltiplas referências intertextuais que cabem ser analisadas, especialmente no que concerne à *Bíblia*. Nos primórdios do Clube do Picadinho, havia 10 participantes, mas, com a morte de Ramos, sobraram 9. Esse número contém um simbolismo ligado ao tempo de gestação, indicando que uma nova fase da vida dos personagens estava prestes a eclodir. Alguns dos seus nomes revelam uma história implícita que interfere diretamente na trama da obra. O quadro a seguir contém o nome dos personagens, sua função na narrativa e seus referenciais intertextuais.

Tabela 1 – Personagens e referências intertextuais

Daniel	<p>Protagonista. Na Bíblia, o profeta Daniel foi colocado numa cova com leões famintos, mas, por conta de sua fé inabalável, conseguiu escapar. Daniel sobrevive durante toda a história de Veríssimo. O prato preferido dele era <i>gigot d'agneau</i>, o pernil de cordeiro, que, biblicamente, representa o sacrifício. Esse talvez seja um indício de que ele foi assassinado no final, mas a própria trama não deixa isso explícito. No desfecho, é narrado que ele supostamente combina com Lucídio de formarem no futuro uma organização mortal de eutanásia, dando às pessoas a chance de escolherem quando e como vão morrer. Existe também a possibilidade de Daniel ser o verdadeiro assassino e de ter contado essa história para se eximir da culpa, conforme ele mesmo afirma: “(os) dedos (de Daniel) não se limitaram à sua dança tétrica nos teclados mas também derramaram o veneno na comida” (Verissimo, 1998, p. 9 e 10). Ele pressupõe um leitor desconfiando dos crimes supostamente cometidos por Lucídio e diz, por exemplo, que “preciso convencer você que não inventei o Lucídio para provar que sou inocente desses terríveis crimes” (Verissimo, 1998, p. 10). Daniel é o narrador-personagem, e, nesse âmbito, conta a partir de seu próprio ponto de vista, podendo omitir e/ou acrescentar fatos à história.</p>
---------------	---

Lucídio	É supostamente o assassino. Lucídio também era amante de Ramos e descobriu que este foi assassinado. No desfecho, o cozinheiro revelou que assassinou todos para vingar a morte de seu amante. Aproxima-se de Daniel para se infiltrar no Clube do Picadinho. Seu nome pode fazer referência a “Lúcifer”. Ofereceu uma omelete a Daniel. Em diversas mitologias, como indianas, gregas e egípcias, o “ovo” representa o início de tudo, e, assim, a omelete pode simbolizar o início do novo ciclo para o clube. Lucídio faz com que o clube ressurja até que cada um deles morra para sempre. Assassina cada personagem num mês durante nove meses. O próprio nome dele contém uma referência à morte através do sufixo <i>-ídi</i> . Todos morrem a partir da Gula ao comer em demasia o seu prato preferido.
Ramos	Foi o fundador e a base do Clube. Era <i>gay</i> e foi o primeiro a morrer na história, assassinado pelo seu amante Samuel. Por ser o alicerce, após sua morte, o grupo passou por brigas e instabilidades. Seu nome pode ser uma alusão ao “Domingo de Ramos”, momento bíblico que antecede o sacrifício do Cristo para salvar a humanidade. Paradoxalmente, na obra, a morte de Ramos faz com que praticamente todos os integrantes tivessem sido assassinados.
Samuel	Assassino de Ramos. Este estava no hospital com AIDS e pediu a Samuel que o matasse. Seu assassino o envenenou com molho de menta. Lucídio resolveu vingar a morte do amante e assassinou todos os membros do grupo, deixando Samuel para o final.
André	No início, o Clube era formado por dez participantes, mas, com a morte de Ramos, André, um farmacêutico e o mais rico, adentrou o grupo. Ele foi considerado o único inocente do grupo a morrer.

Abel	É o primeiro personagem a morrer. Segundo a Bíblia, Abel é também o primeiro ser humano a morrer, assassinado por seu irmão Caim. Na obra de Veríssimo, Abel era o único religioso e o único a abandonar a Igreja.
Paulo e Saulo	Morreram no mesmo dia. Segundo a Bíblia, São Paulo, nascido como Saulo em Tarso, foi inicialmente um feroz perseguidor dos cristãos. Sua vida mudou radicalmente quando, a caminho de Damasco, teve uma visão de Jesus Cristo, que o deixou temporariamente cego. Após ser curado por Ananias, Saulo converteu-se ao cristianismo e mudou seu nome para Paulo . A partir de então, ele se tornou um dos mais influentes apóstolos. Talvez isso reflita por que ambos os personagens morreram no mesmo dia na obra de Veríssimo, tendo em vista que pareciam simbolizar uma única pessoa.
Tiago	Conhecido como “Kid Chocolate”, foi o único que não aceitava morrer por conta de sua Gula, mas, ao final, cedeu ao seu destino fatal em troca da degustação do melhor prato de sua vida.
J o ã o , M a r c o s , P e d r o .	Outros nomes bíblicos que também compõem a obra.

(Veríssimo, 1998)

No romance, a moralidade é ambígua, e os personagens, em lugar de serem punidos, parecem escolher seu destino de forma consciente e resignada, desafiando as noções tradicionais de certo e errado.

A gula é o pecado central que ronda e que constrói a obra de Veríssimo, mas é possível observar, de maneira bastante apurada, que os outros seis pecados representam seis personagens do livro. No artigo “A Última Ceia do Clube do Picadinho”, Carolina Veloso analisa esse aspecto, resumido no quadro a seguir:

Tabela 2 – Outros pecados capitais em *O clube dos anjos*

Avareza	“A avareza é representada por Pedro. O personagem era um dos mais ricos do grupo e cheio de manias, pois fora criado pela mãe, dona Nina, e até o dia de sua morte morava com ela,” (Veloso, Carolina, 2016, p. 145)
Luxúria	“A luxúria é representada por Samuel, que apesar de sua aparência decadente, magro, com grandes olheiras, dentes malcuidados, fazia questão de sua aparência era o reflexo da realidade do Clube, envergado pelo fracasso e o rosto sulcado pelas promessas descumpridas. Mas ainda assim Samuel mantinha o apetite de sua juventude e o sucesso com as mulheres, nas quais ele batia durante o ato sexual.” (Veloso, Carolina, 2016, p. 145)
Ira	“A ira, por Lucídio, o último a ingressar no Clube do picadinho. Fora amante de Ramos e mata nove integrantes do Clube, a fim de vingar a morte de seu amante, além de possuir ódio maior por Samuel, acusando-o de ter matado Ramos.” (Veloso, Carolina, 2016, p. 145)
Inveja	“A inveja, todos a possuíam por Pedro com relação à Mara — mulher idealizada por todos eles. Nota-se que o nome Mara é desinência do nome de Maria, mulher perfeita diante dos olhos de Deus, mas que somente Pedro e Samuel possuíram. Os demais integrantes demonstram em diversos momentos inconformados com o fato de Mara ter traído Pedro logo com o pior dentre eles.” (Veloso, Carolina, 2016, p. 145)
Preguiça	“A preguiça é representada por João, que usava seu talento para tirar dinheiro dos outros e estava sempre endividado. Uma vez foi preciso que Samuel o escondesse para que não fosse morto pelos credores” (Veloso, Carolina, 2016, p. 146)

Orgulho	“o orgulho é representado por Tiago, o Kid Chocolate, que achou que poderia vencer o vício e a morte. Assim que restavam poucos membros vivos, Tiago resolveu investigar Lucídio e descobrir quem realmente era o homem misterioso que estava executando os membros do Clube. Questionado por Daniel, sobre a investigação não levar a nada, afinal ‘nós todos vamos morrer de qualquer jeito’, Tiago surpreendeu ao responder: ‘Opa. Eu não pretendo morrer tão cedo.’ (VERISSIMO, 1998, p. 103).” (Veloso, Carolina, 2016, p. 146)
----------------	--

(Veloso, 2016)

A referência à Última Ceia é muito importante para o contexto do livro. Esse ritual, extremamente relevante e detalhado na Bíblia Sagrada, alinha-se às expectativas culturais do Ocidente e reflete um aspecto positivo de comunhão no contexto cristão. Segundo a Bíblia, a Última Ceia foi o último jantar que Jesus Cristo teve com seus doze apóstolos em Jerusalém antes de sua crucificação, conforme narrado nos Evangelhos. Durante essa refeição, Jesus instituiu o sacramento da Eucaristia, entregando pão e vinho aos seus discípulos como símbolos de seu corpo e sangue. Além de instituir esse sacramento, a Última Ceia é também um símbolo de unidade e comunhão entre os cristãos, representando o corpo de Cristo e o vínculo de fé entre os fiéis. Durante a ceia, Jesus também deu um novo mandamento aos seus discípulos: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, destacando o amor e o serviço mútuo como princípios fundamentais da vida cristã que deveriam ser levados para a posteridade.

Segundo o *Dicionário de símbolos* (1990, p. 120), o termo “banquete” assume a seguinte designação:

[...] o banquete exprime um rito comunal e, mais precisamente, o da Eucaristia. Por extensão, é o símbolo da *Comunhão dos Santos*, ou seja, da beatitude celeste através da partilha da mesma graça e da mesma vida. De modo geral, é um símbolo de

participação numa sociedade, num projeto, numa festa. [...] (Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain; 1990; p. 120)

Essa definição denota como os banquetes entremeiam-se às festividades populares, celebrando o alimento e, por extensão, a própria vida, de modo majestoso. É importante perceber, no entanto, o caráter paradoxalmente contrário do banquete em *O clube dos anjos*.

O livro retoma intertextualmente o evento bíblico, seja pelos símbolos, pelos personagens ou pelo próprio banquete. Contudo, a Ceia representada na obra pressupõe não o amor e a fraternidade, mas a gula e, conseqüentemente, a morte como fins últimos da existência humana. Ramos simboliza o próprio Cristo, ao, nas palavras de Daniel, molhar “pedaços do pão no vinho para que todos os mastigassem em conjunto e engolissem, valendo o gesto como um voto sagrado de adesão, [...]”. (Verissimo, 1998, p. 17). A diferença gritante está, todavia, na simplicidade da Última Ceia cristã em comparação com o luxo das comidas dos integrantes do Clube do Picadinho, local onde a humildade desconhecia aqueles integrantes.

Outro ponto comparativo é o fato de que, após a Ceia, Jesus foi preso, açoitado e crucificado, seguindo os passos do que seu próprio destino lhe reservara. Os membros do Clube pareciam também sentir esse destino da morte, tendo em vista que, após o melhor jantar de suas vidas, morreriam como mártires redutores numa espécie de “execuções misericordiosas”, nas palavras do personagem sr. Spector. Segundo Carolina Veloso, no artigo “A Última Ceia do Clube do Picadinho”, “[...] a Última Ceia do Clube do picadinho foi além de uma única noite, morreu, ressuscitou e morreu novamente. [...] representou a profanação, na ostentação do prazer e em um suicídio coletivo, [...]”.

Outra relação intertextual presente na obra é com a tragédia *Rei Lear*, escrita por William Shakespeare e publicada em 1606. A tragédia *Rei Lear* narra a história do envelhecido rei que decide dividir seu reino entre suas três filhas:

Goneril, Regan e Cordélia. O critério para a divisão é a demonstração de amor que cada uma apresenta. Goneril e Regan, com falsos elogios, conseguem suas partes, enquanto Cordélia, sincera, é deserdada por não exagerar em seus sentimentos. Lear descobre tarde demais a traição e ingratidão das filhas mais velhas, o que o leva à loucura e à tragédia. A peça aborda temas como ingratidão filial, cegueira do orgulho, desagregação familiar e a natureza do poder e da justiça.

Em *O clube dos anjos* há uma intertextualidade com *Rei Lear*, pois a obra reflete a ingratidão e a traição presentes na tragédia, através das relações deterioradas entre os amigos, similar à desintegração familiar na peça de Shakespeare. A sequência de assassinatos em *O clube dos anjos* cria uma atmosfera sombria e trágica, evocando as mortes sucessivas de *Rei Lear*. Além disso, os personagens de Veríssimo parecem cumprir um destino inescapável, reforçando a ideia de fatalidade presente em Shakespeare.

Por fim, e cumprindo a intenção de fazer deste artigo um convite a novas reflexões sobre o tema, concluímos que Veríssimo usa sua narrativa para criticar a decadência da sociedade contemporânea, expondo as consequências de uma cultura que, em vez de resistir e afirmar sua diferença, se perde em prazeres efêmeros e autodestrutivos.

Fechamos essa seção, citando a adaptação de *O clube dos anjos* para o cinema. O filme, dirigido por Angelo Defanti, foi lançado em 2022 e conta com um elenco notável, incluindo Matheus Nachtergaele, Marco Ricca e Paulo Miklos. Fica mais um convite a nova etapa de apreciação do legado desse romance de Veríssimo agora transformado pela linguagem do cinema.



Fig. 3

Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-306314/>

CONCLUSÃO

A abordagem a *O clube dos anjos* nos permitiu verificar que Veríssimo utiliza a Gula não apenas como um pecado individual, mas como uma crítica à decadência moral e ao vazio existencial da sociedade contemporânea. Os personagens da obra são membros de uma elite que, embora cientes de sua degradação moral, continuam a se entregar a prazeres hedonistas, mesmo quando isso significa sacrificar suas próprias vidas.

A obra reflete uma sociedade que, apesar de tecnologicamente avançada e supostamente *iluminada*, enfrenta uma crise de valores. O consumismo desenfreado, a busca incessante por prazer imediato e a falta de propósito são temas centrais no livro, que usa a gula como símbolo da autodestruição coletiva. Veríssimo critica uma sociedade onde os antigos conceitos de pecado

e moralidade são substituídos por um relativismo que permite que indivíduos justifiquem suas falhas com base em conveniências pessoais.

Veríssimo utiliza a gula como uma metáfora para a degradação moral e a insensatez humana, evidenciando como o desejo desenfreado pode levar à autodestruição, ao contrário da visão redentora proposta por Dante, em *A divina comédia*, por exemplo, pois *O clube dos Anjos* apresenta um cenário em que a falta de moderação resulta em um ciclo vicioso de morte e decadência, sem possibilidade de redenção ou arrependimento.

Veríssimo, enfim, escreve em um momento histórico marcado pela secularização e pelo desencanto com as narrativas morais absolutas. Em *O clube dos anjos*, a gula é retratada em um contexto em que as consequências espirituais são menos importantes do que as experiências sensoriais imediatas, refletindo uma sociedade que valoriza o prazer individual sobre as tradições morais herdadas. No romance, a gula se transforma em um símbolo da busca por sentido em um mundo desencantado, mostrando como a literatura é capaz de renovar constantemente os diálogos sobre a condição humana, adaptando-se e respondendo aos desafios de cada época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 9ª Edição. São Paulo: Paulus, 1984.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro. 2003.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

AQUINO, Tomas de. **Sobre o ensino. Os sete pecados capitais**. Tradução de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 65.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.

CAMPOS, Haroldo. **Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira**. In: **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p. 231-56.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 1990.

COSTA, Lígia Militz da (Org.). **L. F. Verissimo, J. Saramago e G. G. Márquez: a paródia na ficção contemporânea**. Santa Maria: Pallotti/UNICRUZ, 2004.

DA COSTA, Lígia Militz. **O Clube do Picadinho fez picadinho. A paródia na ficção de LF Verissimo**. Em: XI Conferência Internacional Bakhtin Curitiba, Brasil, pág. 224.

DE BRITO, Emanuel França. **As faces da gula no Inferno da Divina Comédia**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná.

ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: _____ **Ensaio**. Trad. de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 37-48.

GLOBO LIVROS. **O Livro da literatura: As grandes ideias de todos os tempos**. Tradução: Ive Brunelli, Camile Mendrot, Luiza Leal da Cunha, Ana Paula Corradini. São Paulo: Globo Livros, 2018.

HONDA, Auro Key. **Como transformar defeitos em virtudes**. São Paulo: Gente, 1998.

KOSCHIER, Jaqueline Thies da Cruz. **Mata-me de prazer... A ironia verissiana em O clube dos anjos**. 2005. Dissertação de Mestrado.

MARTIN, Kathleen. **O Livro dos Símbolos**. Editora Taschen, 2020.

NEWMAN, John Henry Cardinal. **The idea of a university: defined and Illustrated**. London: Longmans, green and co., 1925.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: Artner Comunicação, 2015.

READINGS, Bill. **The university in ruins**. Cambridge (MA); London: Harvard. University Press, 1996.

RUBIÃO, Murilo. **Bárbara**. In: Rubião, Murilo. **O Ex-Mágico e Outros Contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 25-32.

SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In: _____ **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2.

ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 [1978], p. 11-28.

SAVATER, F. **Os sete pecados capitais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SCHEIN, E. H. **Organizational Culture**. The American Psychological Association, v. 45, n. 2, p. 109-119, 1990.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da & RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira. Teoria, crítica e percurso**. V. 1. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

VELOSO, Carolina. **A Última Ceia do Clube do Picadinho-uma análise do livro O Clube dos Anjos, de Luis Fernando Verissimo**. UniLetras, v. 38, n. 1, p. 133-147, 2016.

WELLEK, René. **O nome e a natureza da literatura comparada**. In: COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p. 120-148.